

Medidas para “reciclagem” do lixo familiar

Autora: Suely Engelhard

Analista Junguiana (SBPA), Terapeuta de Casal e Família, Diretora do Instituto Formador CAAPSY, Associada ATF-RJ.

Nas interações afetivas a energia investida resulta em vivências que nutrem a relação eu - outro ou em toxinas relacionais que precisam encontrar um espaço efetivo de reciclagem.

No íntimo das relações familiares, dentro da energia mais ampla que este sistema libera e possibilita diversos subsistemas geram energia peculiar e própria que irá interagir, interatuar e modificar o mesmo.

Com isso, vamos constatar a presença de muitas zonas onde o “lixo” das interações fica depositado, causando zonas de conflito ou de passividade paralisante entre os seus membros. Em alto grau esses “lixos” muitas vezes ultrapassam gerações, tornando-se cada vez mais tóxicos quanto maior for a negação do sistema em reciclá-lo.

Em inúmeras famílias vamos ver que sintomas que aparecem em um membro mais jovem (criança ou adolescente) resultam de “lixos” derivados de emoções tóxicas, aquelas que têm uma intensidade e uma aplicabilidade maior ou menor do que o necessário para que a interação ocorra. Por exemplo: um amor/paixão resulta em situações desconfortáveis e até mesmo perigosas para o sistema familiar, tanto quanto uma rejeição afetiva, uma mágoa incisiva ou uma agressividade impulsiva.

Subsistemas como, Pai-filho, Mãe-filha, Irmão-irmã, e outros tantos que vivam emoções tóxicas entre si, são resultantes de triangulações encobertas ou resultam nelas, o que impede que a energia vital encontre uma resolução criativa, um escoamento mais positivo para sua reciclagem.

Evan Imber-Black no livro Segredos de Família (1994) ressalta a importância de se revelar os segredos, aqueles fatos que todos dentro da família sabem, mas que deles não falam. A atitude de manter encoberta essas questões cria uma zona de energia pulsante e “aparentemente paralisada”, mas que na verdade está ali se concentrando para mais a frente explodir num conflito ou sintoma.

Desde os mais simples impasses dentro do sistema familiar, aos mais graves, vamos perceber que a atitude de negar ou desconhecer aquilo que vem gerando depósito energético tóxico emocional é a mais básica e mais antiga

das defesas. Não vejo, não falo, não ouço e com isso redefino a realidade, nego-a, mas infelizmente não a transformo.

Nas famílias onde a rigidez é a atitude basal, vamos encontrar focos de energia embolados, causando curtos-circuitos internos, como tentativa radical de mudança. Só um caos de igual monta pode mexer em uma estrutura radicalmente fixa. Todo tabu existe para ser quebrado.

Se em nossa prática clínica pudermos ter uma conduta profilática com os diferentes sistemas familiares e seus subsistemas estaríamos criando uma boa medida para que os lixos encontrassem uma dinâmica de resolução mais eficaz e abrangente, e aquilo que tortura passaria a aconchegar.

Recorrendo aos mitos nos orientamos. Segundo Junito Brandão o mito é um fato verdadeiro ocorrido no tempo imemorial, que teve a interferência de potentades, levando uma nova realidade se instituir. (1986)

Os mitos são a atividade simbólica que mais profundamente relata e ensina as experiências vividas pela humanidade e traz a abertura para o imaginário. Ao recorrermos a eles, vamos ver que a medida profilática transformadora mais eficaz é a nova atitude; mesmo que o ato continue se perpetuando igual através de gerações.

Um exemplo disto se tem na Família dos Atridas, a família trágica grega, cuja saga se inicia em Tântalo, com matança recorrente entre seus membros, até chegar a Orestes, na quarta geração, que comete um matricídio “protegido” pelos deuses.

Orestes após este ato, mesmo depois de ter sido absolvido por Palas Athená, no Areópago é perseguido pelas Eríneas, que enlouquecem sempre quem derrama sangue se seus parentes. São em número de três e muito violentas. Elas agem em forma triangular. Duas se colocam ocupando a base do triângulo e uma se coloca no ápice; com isso vigiam o todo.

Só após Orestes ter a atitude, inédita neste grupo familiar, de se responsabilizar pelo ato cometido e de cumprir a tarefa que o oráculo lhe impôs, é que as Eríneas se transformam em Eumênides, as guardiãs da justiça, que trazem a bem aventurança e acolhem os necessitados. Só então ele pode sossegar.

A grande verdade que se tem que aprender é: somos criadores do inexistente e co-criadores da totalidade, o que nos torna conscientes de nossa inserção no compartilhar com tudo e todos, e da responsabilidade por nossa própria vida.

Nos núcleos familiares vivemos as mais diferentes possibilidades interacionais. Loucos e sábios são criados dentro desses sistemas vivenciais. A possibilidade de haver reciclagem das emoções que geram conflito e desorientação é o

caminho para, mesmo com sofrimento e dor, se reconduzir a família para a adequação energética de resultados positivos.

O caminho da transformação, da transmutação das emoções, requer empenho e dedicação, paciência e determinação. Como temos muito medo do desconhecido, a novidade que em si traz a diferença é muitas vezes negada e desperdiçada, permanecendo o sistema em crise de conservação de energia patologizada e indiferenciada. Cabe ao terapeuta possibilitar que a crise verdadeira se instale o que leva a família a se movimentar para a mudança.

Medidas profiláticas para preservar os núcleos familiares de gastarem energia sem resultados renovadores passam por ensinar aos seus membros que reconheçam os valores positivos de suas origens, por mais caóticas que estas sejam e possam fazer o lótus brotar do lodo.

Formada por seres humanos que em si têm o bem e o mal, as famílias são o cadinho alquímico onde partindo da *prima matéria* se inicia o trabalho da *Opus*. Família perfeita é um grande problema, pois só existe em idealizações fantasiosas.

Chama-se Nigredo, a primeira fase da *Opus*, que corresponde aqui a vivência de emoções carregadas de afetos obscuros, desconfortáveis e sombrios, experiências de tortura e muitas vezes de desorientação. É o momento em que a família não pode mais manter as aparências... O desconforto se dá, e o fogo emocional põe em andamento a queima do que é excesso.

Desta queima sai uma fumaça branca, correspondendo a segunda fase da *Opus*, o Albedo; a emergência desta fumaça branca, símbolo da queima do que é impuro, corresponde ao início da abstração das emoções que passam então a ser re-fletidas. Nesse momento a família suporta se questionar e antever a necessidade de rearranjar as trocas interacionais. Coalizões são desfeitas, triangulações desconectadas e a energia que estaria estagnada e congelada ou ativada, mas rodando em círculos, começa a ser liberada em direção à mudança. Aqui segredos se revelam, mitos são questionados e reavaliados, lealdades se desfazem.

A última fase da *Opus* se enuncia em sua cor vermelho: o Rubedo. Agora a transformação se dá. O lixo reciclado se torna energia abastecedora do novo. Atinge-se o *Lápis Philosophorum*, a meta, que desde o início lá estava, mas que só agora é alcançada com lucidez. Na família o que era estagnação emocional transforma-se em resiliência. Já se está um passo além das interações que antes orientavam este grupo. O descongelamento e a energia livre impulsionam o sistema para um novo limiar. Alianças móveis entre diferentes subsistemas tornam a dinâmica familiar leve e otimizam novos acordos. Aperfeiçoam-se as trocas e se tem melhor disposição para o diferente, para o novo.

A rigidez transforma-se em força motriz e de sustentação, permitindo uma homeostase rica em sutis movimentos para o equilíbrio ser mantido, não à custa de morbidade e conflito, mas graças à tensão criativa de emoções que se opõem e não se anulam, e sim sustentam esta interação. Aqui o outro é entendido como a expressão de minha oposição, que não precisa ser negada ou rejeitada, e sim compreendida, compartilhada e acolhida.

O lixo que espalhamos em torno de nosso planeta exige da humanidade uma atitude revolucionária. O novo momento que vivemos na humanidade onde não se pode mais pensar em poder de um sobre o outro, de uma nação sobre a outra, requer a formação de uma consciência planetária. Leonardo Boff em seu artigo “Em busca de sabedoria ecológica” fala que a humanidade precisa para escapar da escuridão, do caos buscar a sabedoria de antigas civilizações como fonte de inspiração de uma consciência e sabedoria ecológica.

Ele fala da sabedoria dos Maias cuja cosmovisão é muito parecida com a da física quântica e da moderna cosmologia. Segundo ele, os Maias contam que:

O universo é construído e mantido por energias cósmicas pelo Criador e Formador de tudo. O que existe na natureza nasceu do encontro de amor entre o Coração do Céu com o Coração da Terra. A mãe Terra é um ser vivo que vibra, sente, intui, trabalha, engendra e alimenta a todos os seus filhos e filhas. A dualidade de base entre formação-desintegração (nós diríamos entre caos e cosmos) confere dinamismo a todo o processo universal. O bem estar humano consiste em estar permanentemente sincronizado com esse processo e cultivar um profundo respeito diante de cada ser. Então ele se sente parte consubstancial da Mãe Terra e desfruta de toda sua beleza e proteção. A própria morte não é inimiga: é um envolver-se mais radicalmente com o Universo.

Os seres humanos são vistos como “os filhos e filhas esclarecidos, os averiguadores e buscadores da existência”. Para chegar a sua plenitude o ser humano passa por três etapas, verdadeiro processo de individuação. Ele poderá ser “gente de barro”: pode falar, mas não tem consistência face às águas, pois se dissolve. Desenvolve-se mais e pode ser “gente de madeira”; tem entendimento, mas não alma que sente porque é rígido e inflexível. Por fim alcança a fase de “gente de milho”: este “conhece o que está perto e o que está longe”. Mas sua característica é ter coração. Por isso “sente perfeitamente, percebe o Universo, a Fonte da vida” e pulsa ao ritmo do Coração do Céu e do Coração da Terra.

A essência do humano está no coração, naquilo que viemos dizendo há anos, na razão cordial e na inteligência sensível. É dando centralidade a elas que se mostram pelo cuidado e pelo respeito que podemos nos salvar.

Este é também o propósito de se poder reciclar criativamente com o coração, as questões traumáticas dentro do sistema familiar. Se conseguirmos pulsar ao ritmo do Coração do Céu e do Coração da Terra, chegaremos ao que é nossa essência.

O ethos que ama se oferece para que o respeito, a parceria e a solidariedade com o outro, com aquele que estranhamente desconhecemos, se forme. O

desafio do terapeuta é justamente, levar à transformação criativa, essas emoções que intoxicam pelo seu excesso. Recicla-se o que até então era dejetivo e um novo ciclo de nutrição e fecundidade se estabelece fomentando energia de criação e de (re) união familiar.

Bibliografia:

BOFF, Leonardo O "Ethos" que Ama. Artigo Jornal JB, 18/jul/2003.

BRANDÃO, Junito Mitologia Grega, vol I Petrópolis: Vozes, 1986.

IMBER-BLACK, Evan e cols. Os Segredos na Família e na Terapia Familiar, Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

Na WEB: www.leonardoboff.com.site acessado em 31/07/2008.

www.arteantiga.org site acessado em 30/08/2008.